

Vico moderno além da modernidade

Rosario Diana

Sertório de Amorim e Silva Neto (Trad.)

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

DIANA, R. Vico moderno além da modernidade. Translated by Sertório de Amorim e Silva Neto. In: LOMONACO, F., HUMBERTO, G., and SILVA NETO, S.A., eds. *Metafísica do gênero humano: natureza e história na obra de Giambattista Vico* [online]. Uberlândia: EDUFU, 2018, pp. 227-243. ISBN: 978-65-86084-22-1.
<http://doi.org/10.14393/EDUFU-978-85-7078-469-8>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Vico moderno além da modernidade

Rosario Diana*

A contribuição que aqui se apresenta tem certamente um título ambicioso, se não pretensioso. O objetivo perseguido é o de definir alguns aspectos da reflexão desenvolvida por Vico no *De antiquissima* (1710) – conservados depois também pelo Vico da *Scienza nuova* –, de evidenciar seus “excedentes” em relação ao tempo e às constelações de pensamento em que foram concebidos e, portanto (se a palavra não nos intimida muito), revelar sua “atualidade”. Concentrar-se-á, então, no *Liber metaphysicus* – um texto que parece ser uma peça de arqueologia viquiana – buscando nele enuclear e vivificar aquelas potencialidades que podem, ainda hoje, solicitar eficazmente a teorização filosófica.

I

Um dos motivos, talvez dentre os mais significativos, que justificam a relevância concedida ao *De antiquissima* no complexo quadro da filosofia de Vico é o fato de que, nessa obra, se encontra mais amplamente definido e discutido o critério viquiano de verdade, fundado na reciprocidade de *verum e factum*, que – como o próprio autor nos informa – já havia sido enunciado em 1708, no *De ratione*.¹

* Pesquisador do *Istituto per la Storia del Pensiero Filosofico e Scientifico Moderno* (ISPF-CNR) de Nápoles, que atualmente abriga o *Centro di Studi Vichiani*. O capítulo propõe na parte central, com alguma leve modificação, um estudo publicado pelo autor há alguns anos: DIANA, R. Depotenziamento del cogito e disappartenenza dell'io. In margine al “De antiquissima”. *Bollettino del Centro di Studi Vichiani*, Roma, v.XL, n.1, p.115-124, 2010.

¹ “Podemos demonstrar as verdades geométricas por que as fazemos; se pudessemos demonstrar aquelas físicas, as faríamos [*geometrica demonstramus, quia facimus; si physica demonstrare possemus, faceremus*]” (VICO, G. De nostri

A demonstração desse princípio é conduzida por Vico com o estilo típico de um pensamento relacional, que dialoga não só com uma “antiquíssima” e *secreta* sabedoria itálica – uma ideia depois refutada,² “suplantada pelos inícios bestiais”³ – e com a língua (aquela latina) na qual as gemas daquele saber estão depositadas e sedimentadas, mas também, e sobretudo, com Descartes, que é um importante interlocutor ideal de Vico sobre esses temas. O confronto do pensador napolitano com aquele francês não somente exhibe e contrapõe diferentes concepções filosóficas, mas também duas diferentes e inconciliáveis modalidades do filosofar: a de Descartes, totalmente centrada no “lume natural” único do sujeito pensante, e aquela de Vico, aberta ao enfrentamento produtivo e atualizador dos saberes do passado e mesmo do presente, e pronta a acumular preciosas relíquias conceituais encontradas no curso da escavação semântica dos termos das línguas remotas.

Que Vico, ao postular a existência de uma “antiquíssima sabedoria dos itálicos”, cedesse às lisonjas de um costume bastante difundido nos Séculos XVI e XVII, e que muitas etimologias suas fossem, para dizer o mínimo, arriscadas, são todas objeções legítimas que ajudam a contextualizar e conotar a especificidade de sua elaboração teórica; mas certamente não comprometem a natureza típica do filosofar viquiano, que prefere *encontrar* (ou ainda *imaginar encontrar*) os conceitos e os princípios em um diálogo constante com outros pensadores e, também, com saberes sem uma paternidade epônima (como aqueles dos itálicos, precisamente), em vez de *supô-los* decorrência de intuições

temporis studiorum ratione (1709). In: _____. *Opere*. Organização de Andrea Battistini. Milano: Mondadori, 2001, cap.IV, p.116-117). Esta auto-citação do *De ratione* encontra-se em: VICO G. *De antiquissima italorum sapientia* (1710). Organização e tradução italiana de Manuela Sanna. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 2005, cap.III, p.54-55 (de agora em diante *De ant*).

² Sobre isto, ver as sintéticas e eficazes páginas de ROSSI, P. *Le sterminate antichità e nuovi saggi vichiani*. Firenze: La Nuova Italia, 1999, p.18 et. seq.

³ SANNA, M. Introduzione. In: VICO G., *De antiquissima italorum sapientia*. Organização e tradução italiana de Manuela Sanna. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 2005, p.XXI. Esse denso estudo introdutório de Sanna apresenta um mapa histórico-documental e teórico-problemático aprofundado do *De antiquissima* e, por isso, muito útil (p.XVII-XXXV). Para investigações temáticas sobre essa obra viquiana: OTTO, S.; VIECHTBAUERS, H. (orgs.). *Sachkommentar zu Giambattista Vico 'Liber metaphysicus'*. München: Fink, 1985; MATTEUCCI, G. (org.). *Studi sul 'De antiquissima italorum sapientia' di Vico*. Macerata: Quodlibet, 2002.

imediatas ou espontâneas, paridas na solidão por um engenho genial decidido a subtrair-se à cooperação alheia.⁴ O Vico do *De antiquissima* não deixa dúvidas de que Descartes deve ser considerado “grandíssimo [maximus]”, seja “como metafísico” seja “como geômetra”,⁵ mas não hesita, em seguida, com policiada e sutil ironia, lançar suas setas em direção àquele que, “grande estudioso de metafísica”,

prescreve que quem deseja ser iniciado nos sagrados mistérios desta ciência deve se avizinhar dela em estado de castidade [castum], livre não só das persuasões ou, como se costuma dizer, dos prejulgamentos que desde a infância acolhemos por meio daqueles informantes enganosos que são os sentidos, mas também de todas as verdades que aprendemos das outras ciências.⁶

E em seguida, enalçando com respeitoso espírito polêmico, acrescenta:

não podemos esquecer, quem inicia deve dispor-se a *escutar os metafísicos* [ad audiendos *Metaphysicos*] com mente reduzida ao estado

⁴ Sobre estas questões, especificamente no *De antiquissima*, e para uma bibliografia relativa ao assunto indico: DIANA, R. Ragione narrativa ed elaborazione dialogica del sapere. L'autobiografia di Giambattista Vico e il suo contenuto problematico. *Bollettino del Centro di Studi Vichiani*, Roma, v.XXXIV, p.127-143, 2004. Sobre a natureza ficcional da referência de Vico à antiga sabedoria itálica insistem – como já havia feito Giovanni Gentile (GENTILE, G. *Studi vichiani*. Organização de V. A. Bellezza. Firenze: Sansoni, 1968, p.107; também na carta a Benvenuto Donati de 10 janeiro de 1936. In: GENTILE, G., DONATI, B. *Carteggio 1920-1943*. Organização de P. Simoncelli. Firenze: Le Lettere, 2002, p.65) – Enzo Paci (PACI, E. *Ingens Sylva*. Organização de V. Vitiello. Milano: Bompiani, 1994, p.61) e Nicola Badaloni (BADALONI, N. *Introduzione a G.B. Vico*. Milano: Feltrinelli, 1961, p.338). Como alternativa a esta famosa e plausível hipótese de leitura, deseja-se aqui acentuar – como feito já em outro lugar (DIANA, 2004, p.131 et. seq. e nota 56) – os motivos intrínsecos ao estilo do filosofar viquiano, que conduzem o autor do *De antiquissima*, no ato de fixar os alicerces do próprio pensamento, a pesquisar a relação (real ou imaginária) com um antiquíssimo saber. Para uma visão ampla e bem documentada sobre o *mito* do antigo saber dos itálicos: CASINI, P. *L'antica sapienza italiana*. Cronistoria di un mito. Bologna: il Mulino, 1998; MAZZOLA, R. *L'antica sapienza italiana*. In: _____. *Metafisica, Storia, Erudizione*. Saggi su Giambattista Vico. Firenze: Le Cárity, 2007, p.205-220.

⁵ *De ant.*, cap.IV, §1, p.66-67.

⁶ *De ant.*, cap.I, §2, p.30-31.

se não propriamente de *tabula rasa* [*tabula pura*], ao menos na forma de um *livro enrolado* [*libro involuto*], que depois se desembrulha ao raio de uma luz melhor.⁷

Escutar, assim, a voz dos outros pensadores, não servilmente, mas como quem *desembrulha um livro*, será no final o resultado da interação atenta e crítica entre o próprio pensamento autônomo e o longo e fadigoso estudo de *outros* livros. Em 1712, na segunda resposta às objeções levantadas ao *De antiquissima* pelo *Giornale de' Letterati d'Italia*, o ataque desferido nesse ponto a Descartes será frontal. Vico o contesta por ter omitido

a lição dos outros filósofos ao professar que, com a força do lume natural, o homem pode saber tudo quanto outros souberam. E os jovens ingênuos caem no engano, porque a longa fadiga de muitíssimas lições molesta, e é grande o prazer da mente em prover-se com brevidade.⁸

O filósofo francês torna-se assim, para Vico, um péssimo exemplo para a juventude, já que legitima neles a indolência e endossa formas de um vazio narcisismo intelectual.

⁷ *De ant.*, cap.I, §2, p.30-31. Os grifos são meus, exceto *tabula rasa*, que é de Manuela Sanna.

⁸ VICO, G. Risposta di Giambattista Vico all'articolo X del tomo VII del "Giornale de' Letterati d'Italia". In: _____. *Opere filosofiche*. Organização de Paolo Cristofolini e introdução de Nicola Badaloni. Firenze: Sansoni, 1971, p.167 (de agora em diante *Risp. II*). Os três artigos do *Giornale* e as duas respostas de Vico estão agora reunidos em: STILE, A. Polemiche relative al *De antiquissima* italarum sapientia 1711-1712. *Laboratorio dell'ISPF*. Napoli, vol.III, n.2, 2006. Sobre a relação de Vico com Descartes, ver também: BOVÉ, P. A. Vico and Philological Criticism. In: _____. *A Poetry against Torture*. Criticism, History and the Human. Hong Kong: University Press, 2008, p.14 et seq. Naturalmente o *anticartesianesimo* de Vico, que "na primeira década do 700 em Nápoles [...] constituía uma posição seguramente heterodoxa em relação à ideologia dominante na classe dos intelectuais" (DE GIOVANNI, B. "Facere" e "factum" nel "De antiqüissima". *Quaderni Contemporanei*. G. B. Vico nel terzo centenario della nascita. Organização de Fulvio Tessitore. Salerno, v.II, 1969, p.21), é muito mais rico e articulado e não se reduz somente às questões que aqui estamos colocando (para indicações bibliográficas atualizadas, indico: ARMANDO, D.; RICCIO, M. *Settimo contributo alla bibliografia vichiana 2001-2005*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 2008, bem como os volumes precedentes da bibliografia viquiana publicados por outros estudiosos).

II

“*Verum et factum [...] convertuntur*”:⁹ o *incipit* do primeiro capítulo (portanto, do livro propriamente dito), que comumente é convertido numa fórmula, significa – como se sabe – que *verum* e *factum* estão, entre si, numa relação de reciprocidade, o que conduz à conclusão de que se pode conhecer completamente só isto que *se faz*, ou seja, isso de que se é causa, “causa verdadeira”, definida por Vico, na primeira resposta ao *Giornale de’ Letterati d’ Itália* (1711), “aquela que, para produzir o efeito, não necessita de nada além”.¹⁰ Na segunda resposta, ele precisará que “*caussa*, na significação própria dos filósofos, significa ‘coisa que faz’”;¹¹ e o cerco se fecha com o ataque do terceiro capítulo do *De antiquissima*, no qual se lê que “provar uma coisa através das causas é o mesmo que fazê-la”.¹² Se o conhecer e o fazer se identificam, então, entre o sujeito que conhece adequadamente e o próprio objeto subsiste uma relação intrínseca, já que o segundo é *interno* ao fazer do primeiro, que é a causa dele. Quando, ao contrário, o objeto é *externo* à ação do sujeito, esse tem dele um conhecimento somente parcial e circunscrito aos elementos exteriores, já que não é sua causa. Dito isso, é indubitável que Deus conhece “perfeitamente” todas as coisas, “porque é o fazedor de todas as coisas”;¹³ a ele corresponde, de fato, o *intelligere*, pois “recolhe todos os elementos de uma coisa com os quais exprime dela uma ideia perfeitíssima”,¹⁴ uma ideia, portanto,

⁹ *De ant.*, cap.I, p.14. Sobre o *verum-factum* “antes” e “depois” de Vico: MONDOLFO, R. *Il “verum-factum” prima di Vico*. Napoli, Guida, 1969; CHILD, A. *Fare e conoscere in Hobbes, Vico e Dewey*. Napoli: Guida, 1970; NAVE, A. Il “verum-factum” vichiano tra filosofia scotistica e filosofia crociana. In: VERRI, V. (org.), *Vico e il pensiero contemporaneo*. Lecce: Milella, 1991, p.342-349; MARTIRANO, M. *Vero-fatto*. Napoli: Guida, 2007.

¹⁰ VICO, G. Risposta del signor Giambattista di Vico nella quale si sciogliono tre opposizioni fatte da dotto signore contro il primo libro ‘De antiquissima italorum sapientia’ ovvero metafisica degli antichissimi italiani tratta da’ latini parlari. In: _____. *Opere filosofiche*. Organização de Paolo Cristofolini e introdução de Nicola Badaloni. Firenze: Sansoni, 1971, p.144 (de agora em diante *Risp. I*). Sobre o conceito viquiano de causa ver também: *Risp. I*, p.136.

¹¹ *Risp. II*, p.149.

¹² *De ant.*, cap.III, p.52-53.

¹³ *De ant.*, cap.I, p.14-15.

¹⁴ *De ant.*, cap I, p.14-15.

que não deixa espaço para qualquer resíduo de exterioridade ou lados obscuros desconhecidos e incognoscíveis. Ao homem, por sua vez, é consentido o “pensamento [*cogitatio*]”,¹⁵ que das coisas não feitas por ele pode “recolher” (*cogitare*, segundo a etimologia que o próprio texto oferece do termo latino) só os dados exteriores: “diríamos os *fenômenos*”, para ceder, com Paci, à tentativa de kantianizar Vico.¹⁶ Vico escreve com transparente clareza:

Deus recolhe todos os elementos das coisas, seja aqueles intrínsecos quanto os extrínsecos, porque os *contém* e é ele quem os dispõe; em vez disso, a mente humana, por que é limitada e *alheia a tudo aquilo que não é a própria mente*, não pode jamais reunir todos os elementos, mas é constrangida a contentar-se só com aqueles extremos. De sorte que a ela é concedido pensar [*cogitare*] as coisas, certamente não as compreender [*intelligere*].¹⁷

Só nas matemáticas o homem pode alcançar um conhecimento completo, semelhante àquele que Deus tem de todas as coisas, uma vez que aquelas ciências resultam de um processo de construção ideal integralmente atribuído ao fazer humano; no caso da aritmética e da geometria “a mente humana *contém em si* os elementos de verdade que está em condição de ordenar e compor”.¹⁸

¹⁵ *De ant.*, cap.I, p.16-17.

¹⁶ PACI, 1994, p.62.

¹⁷ *De ant.*, cap.I, p.16-17, grifos meus. Sobre tais questões, ver também: *De ant.*, cap.III, p.136-137 e cap.I, §1, p.18-19; *Risp. II*, p.156. Com eficiência Mark Lilla sintetizou assim este ponto: “Deus cria com elementos que ele mesmo contém dentro dele [...]. O homem é um ente criado, para quem todos os objetos criados por Deus são elementos externos, não internos” (LILLA, M. *Giambattista Vico: the Making of an Anti-Modern*. Cambridge-London: Harvard University, 1993, p.25). Sobre a distinção ontognoseológica entre Deus e o homem Cf. ROTENSTREICH, N. *Between Participation and Constitution*. In: OTTO, S.; VIECHTBAUERS, H (orgs.). *Sachkommentar zu Giambattista Vico 'Liber metaphysicus'*. München: Fink, 1985, p.87-97; CASTELLANI, C. *Metafisica della mente e "verum-factum"*. Um confronto di Vico con Cartesio. In: KELEMEN, J.; PÁL, J. (orgs.), *Vico e Gentile*. Atas da Giornate di Studio sulla Filosofia Italiana. Roma, p.25-27 maggio 1994. Soveria Mannelli: Rubbettino, 1995, p.81 et seq.

¹⁸ *De ant.*, cap.III, p.52-53, grifos meus; ver também: *De ant.*, cap.VII, p.114-115. Escreve de forma inequívoca Vico: “As matemáticas são as únicas ciências que induzem a verdade humana, porque unicamente elas procedem à semelhança da ciência de Deus” (*Risp. I*, p.135, grifos meus); Cf. também *Risp. I*, p.139 e *Risp. II*, p.156.

Do quanto aqui rapidamente examinamos, podemos concluir que, para Vico, tudo isso que, no mundo, ultrapassa os confins do *fazer* humano (os objetos da física, por exemplo¹⁹), permanece para ele irremediavelmente *estranho*: por maiores esforços que possa realizar, o conhecimento que obterá dessas coisas será sempre incompleto, cheio de névoas e obscuridade.

III

Temos agora elementos suficientes para concentrar nossa atenção sobre aquela operação que podemos definir como *despotencialização do cogito*, realizado por Vico contra Descartes.

Vimos que o princípio do *verum-factum* estabelece o critério de verdade em geral e de cognoscibilidade de um objeto, porém, ele regula do mesmo modo a atribuição do caráter de cientificidade de um saber: se conheço uma coisa por que a *faço*, ou seja, se sou dela a causa adequada, o saber que surgirá desta específica relação entre sujeito cognoscitivo e objeto conhecido será de natureza científica. Desse modo, como observamos um pouco antes a propósito da aritmética e da geometria, devemos concluir que “as ciências humanas são unicamente as matemáticas”, enquanto somente essas “demonstram as causas”,²⁰ todos os outros saberes “são *notícias não científicas*, ou certas por via dos signos indubitáveis, ou prováveis por força dos bons raciocínios, ou verossímeis pela conduta de potentes conjecturas”.²¹ Diferentemente do homem, Deus possui a ciência infinita do universo inteiro, a “verdade primeira”, vale dizer, o “conjunto das causas, em que estão contidos todos os gêneros, ou seja, todas as formas com as quais são produzidos todos os efeitos”. E propriamente “sobre a norma” dessa “verdade primeira” que está em Deus, que é Deus, “se devem medir [*metri*]”, por comparação redutiva, as “verdades humanas”.²²

¹⁹ *De ant.*, cap.VII, p.114-115.

²⁰ *Risp. II*, p.156.

²¹ *Risp. II*, p.156, grifos meus.

²² *De ant.*, cap.I, p.38-39; Cf. também *Risp. II*, p.156. Escreve oportunamente Paci: “Deus [...] é a verdade primeira, é [...] a norma do verdadeiro: a regra do conhecer humano” (PACI, 1994, p.64).

Tal abordagem, “conforme a religião cristã, que distingue a verdade divina da verdade humana e põe a ciência divina como regra daquela humana e não vice-versa”, consente a Vico satisfatoriamente, abrigado de toda forma de ceticismo e de dogmatismo, considerar-se o fundador de “uma metafísica digna da humana limitação [*imbecillitate*], que certamente não permite ao homem alcançar todas as verdades, nem nega a ele conhecê-las absolutamente, apenas algumas”.²³ A ciência própria do homem é, portanto, “filha do limite”,²⁴ enquanto nasce “de uma imperfeição [*vicio*] da nossa mente, ou seja, da sua extrema limitação [*summa brevitate*] devida ao fato de que todas as coisas estão fora [*extra*] dela”.

O conhecimento humano circunscreve assim o seu âmbito próprio em relação à impossibilidade da mente – “criação de Deus”, como tal marcada “pela indeterminação e pela possibilidade”²⁵ – conter em si todas “as coisas que aspira [*affectat*] conhecer”²⁶; se delimita e legitima ao mesmo tempo por meio de um exercício rigoroso e sempre vigilante, que podemos nomear de “redução validadora” e consiste em reconduzir a *hybris* cognoscitiva do homem dentro das fronteiras a ele efetivamente consentidas, no interior das quais somente é possível definir a natureza – além de verificar e eventualmente justificar as pretensões de verdade – dos saberes residuais que pertencem a ele. Com essa acurada contenção e redimensionamento das ambições

²³ *De ant., Conclusione*, p.142-143. Cf. também *Risp. II*, p.135. A “gnosologia do *De antiquissima*” – observa para tal propósito, com recorte crítico, Mario Agrimi – indica a “fundação intencional de uma ‘ciência humana’, que claramente define as próprias fronteiras em relação ao ‘ceticismo’ e ao ‘dogmatismo’ [...], abrindo criticamente o conhecimento somente aos reais saberes humanos que são os verossímeis e os prováveis” (AGRIMI, M. Et “factum” et “verum” cum “verbo” convertuntur. In: TRABANT, J. (org). *Vico und die Zeichen / Vico e i segni*. Atas do Congresso homônimo. Berlin 23-25 setembro de 1993. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1995, p.121 et seq.). Sobre o tema da metafísica a partir do tema da limitação/debilidade do homem, veja também as interessantes observações de CACCIATORE, G. Filosofia civile e filosofia pratica in Giambattista Vico. In: CACCIATORE, G.; MARTIRANO, M. (orgs.). *Momenti della filosofia civile italiana*. Napoli: Città nuova, 2008, p.39 et seq.

²⁴ CACCIATORE, G. Finito e infinito nella filosofia vichiana della storia. In: _____. *L'infinito nella storia*. Saggi su Vico. Napoli: Esi, 2009, p.9, 16 et seq.

²⁵ CACCIATORE, G. *Metaphysik, Poesie und Geschichte*. Über die Philosophie von Giambattista Vico, Berlin: Akademie Verlag, 2002, p.53.

²⁶ *De ant.*, cap.I §1, p.26-27.

cognoscitivas do homem e com a atenção desperta pelo conceito de *limite do conhecimento*, Vico se inscreve, a pleno título, naquela florescente tradição moderna de reflexão gnosiológica que culminará com Kant, mas continuará também depois dele.

À luz das perspectivas teóricas há pouco delineadas, o *cogito, ergo sum* de Descartes não podia ter credencial alguma para se apresentar como “verdade primeira”, pois o fato do *eu penso* é, no máximo, o “sintoma [*techmerium*]”,²⁷ “o signo indubitável do meu ser”,²⁸ mas não é absolutamente nem a sua causa, nem a do “meu ser mente”²⁹ ou a do meu ser um *eu*; de modo que “não sendo causa do meu ser, não me inspira a ciência [nem] do ser”,³⁰ nem da mente, e muito menos do *eu*. Desse modo, Vico *despotencializava* a presunçosa “verdade primeira” de Descartes deslocando-a da (pretensiosa) *ciência* à (efetiva) *consciência*, não só esclarecendo que

conhecer [*scire*] significa [...] possuir o gênero ou a forma [*genus, seu formam*] com a qual uma coisa vem a ser; ao passo que, por outro lado, temos só consciência [*conscientia*] das coisas às quais não estamos em condição de demonstrar o gênero ou a forma,³¹

mas acrescentando também – com um golpe de machado, mortal segundo o intento do golpeador – que o *cogito*, na realidade, enquanto mera consciência do existir³² de uma mente e de um *eu*, é “uma cognição vulgar” que não necessita, “para ser encontrada”, da “reflexão de um assim tão grande filósofo” e, por isso, é de uma

²⁷ *De ant.*, cap.I, §2, p.36-37.

²⁸ *Risp. I*, p.135.

²⁹ *De ant.*, cap.I, §2, p.36-37.

³⁰ *Risp. I*, p.135.

³¹ *De ant.*, cap.I, §2, p.32-35.

³² Na primeira *Risposta* Vico explica que o *cogito, ergo sum* cartesiano deveria ser traduzido utilizando o verbo *existir* e não *ser*, assim: *penso, logo existo* e não *penso, logo sou*. Isto porque “existir [*esistere*] não soa senão como *esserci, esser sorto, star sopra* [...]. Isto que surgiu [*è sorto*], surge de alguma outra coisa [...]. O subjugar [*sovrastare*] afirma outra coisa, que está sob [*sotto*]” (*Risp. I*, p.143; Cf. também *Risp. II*, p.158-159). Ao homem, por sua vez, é próprio o *existir* e não o *ser*, pois a sua natureza é a de um atributo. O *ser* diz respeito só a Deus, que tem estatuto de substância e, por isso, em absoluta autossuficiência ontológica, “sustenta, mantém, contém tudo; dele tudo parte, para ele tudo retorna” (*Risp. I*, p.144).

banalidade tal que nela “pode incorrer qualquer um, até mesmo um iletrado como Sósia”.³³

IV

A despotencialização do *cogito* cartesiano, sua redução de ciência a consciência, podia ser colocada como problema e obter a solução que indicamos, porque Vico adotava um critério de verdade e de cientificidade fundado sobre o *fazer*, profundamente diferente daquele de Descartes centrado sobre a *clareza* e a *distinção* das ideias.³⁴ Além disso, o princípio viquiano do *verum-factum* tornava imediatamente patente uma condição originária do *eu*, que em Descartes se desvelava só por meio da ideia inata de um ser infinito, cuja presença na mente de um ente finito como o homem não podia se justificar baseada exclusivamente na capacidade ideativa desse último, mas devia remeter a uma causa externa a ele e ontologicamente superior.

A condição originária que Vico – no confronto com Descartes mediado pelo *verum-factum* – colocava diretamente diante dos seus olhos, dos seus introlocutores e dos nossos reside integralmente na consciência de que o *eu*, o eu que pensa, não *fez* a si e nem os próprios

³³ *De ant.*, cap.I, §2, p.32-35. A referência é ao *Amphitruo* plautino e ao personagem Sósia, servo de Anfitrião. Sósia, levado a duvidar da própria identidade pessoal por Mercúrio – plantando-se, com as semelhanças do servo, diante da casa do seu senhor em Tebas, a fim de consentir a Júpiter (nas vestes do dono da casa, por sua vez) de possuir tranquilamente Alcména, que estava prometida a Anfitrião –, se livra do embaraço ao final de um interessante diálogo com o *deus enganador* afirmando autodefensivamente: “Mas quando penso nisso, não tenho dúvida de que sou aquilo que sempre fui [*sed quom cogito, equidem certo idem sum qui semper fui*]” (PLAUTO, T. M. *Anfitrião*. Tradução italiana de M. Scàndola. Milano: Rizzoli, 2002, v.447, p.142-143).

³⁴ Se é verdade, como quer Vico, que as “coisas humanas” estão dominadas pelo “capricho, temeridade, oportunismo, fortuna” (*De ant.*, cap.VII, §4, p.120-121), não é possível não compartilhar aqui das rigorosas observações de Fulvio Tessitore, quando – iluminando outros aspectos cruciais do dissídio metodológico de Vico com Descartes – escreve que “proceder com o método das ideias claras e distintas em um mundo do qual não são conhecidos os bem numerosos elementos e suas conexões [...], significa desligar o método da vida das coisas, quer dizer, realizar um exercício de lógica silogística vã, sem condições de assegurar a certeza do conhecimento [...], à qual serve, ao mesmo tempo, a investigação [...] e o juízo” (TESSITORE, F. *Senso comune, teologia della storia e storicismo* in Giambattista Vico. In: _____. *Nuovi contributi alla storia e alla teoria dello storicismo*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 2002, p.17).

atos, não é causa *sui* nem mesmo desses últimos, e, portanto, ignora as modalidades da própria formação e da formação deles: é “sempre inferior ao conhecer”,³⁵ mesmo em relação àquilo que lhe diz respeito mais proximamente.

Por mais que o cético esteja consciente de que pensa [escrevia Vico referindo-se aos cétricos, mas a afirmação valeria também para quem não era e não é cético], ignora as causas do pensamento, quer dizer, o modo como o pensamento se forma.³⁶

E continuava, adiante, explicando que embora o pensar ofereça a consciência de ser uma mente, todavia, “o pensar não é a causa do meu ser mente, mas só o sintoma [*techmerium*]”.³⁷

Esse é o momento de retomar a constatação, feita mais acima, segundo a qual sobre tudo isso que extrapola o espaço circunscrito ocupado pelo fazer humano pesa uma incancelável hipoteca de estranhamento e de precária e incompleta cognoscibilidade.

O *eu*, com o qual o indivíduo afirma, em síntese, a si próprio frente ao mundo e diante do *tu*, com o qual diferencia o mundo próprio daquele alheio mediante a rememoração autobiográfica – como faz Sósia ante o impostor Mercúrio –, e a *mente* (não imêmore do corpo), como aquele complexo de funções em que o homem, com decidida convicção, tende a definir o seu núcleo mais autêntico, devem juntos reconhecer que, mesmo construindo-se e modificando-se no curso da sua história, originalmente não são *feitos* por si mesmos: nisso experimentam o próprio limite originário incontornável. O eu e a mente, que até pensam o *verum-factum* e a inteira topografia do *fazer* humano (disto que pode ser ali incluído e disto que deve ser excluído, bem como as consequências que derivam dessas operações), sabem que devem se colocar fora disso e se encontrar naquela situação de *estranhamento* – partilhada por tudo o que não é *feito* pelo homem – que no caso deles torna-se ainda mais penetrante e definitivamente

³⁵ VITIELLO, V. Il medio assente. Sul concetto di verità nel “De antiquissima”. In: _____. *Vico. Storia, linguaggio, natura*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 2008, p.47.

³⁶ *De ant.*, cap.I, §2, p.34-35.

³⁷ *De ant.*, cap.I, §2, p.36-37.

único em razão da *vizinhaça* extrema que têm com o homem: que sente fortemente que o eu e a mente pertencem a ele mais do que qualquer outra coisa e, ao mesmo tempo, lhe são estranhos em sua origem. Com base no ensinamento viquiano do *De antiquissima* – texto não mais “menosprezado”³⁸ há muito tempo, mas certamente dotado, ainda hoje, trezentos anos depois da publicação, de uma surpreendente vitalidade, rica de estímulos para a reflexão filosófica –, a condição do *eu*, que se percebe simultaneamente *próprio* e *estranho a si*, parece poder se encerrar na fórmula da “desapropriação do eu”. Trata-se de um paradigma teórico interpretativo que pode gerar bons frutos.

V

Podem talvez parecer *arriscadas* as simples *aproximações* que estou para propor. Certamente, necessitam de pesquisas e aprofundamentos ulteriores. Mas, para quem pratica uma disciplina como a filosofia, que nos habituou ao frequente excedente cronotópico do pensamento em relação ao contexto histórico-cultural no qual ele se originou (um excedente que se verifica sempre com prudência e sensibilidade por causa das diferenças), não seria igualmente arriscado notar as vizinhanças, as afinidades, mesmo que aparentemente insólitas, e não as assinalar adequadamente?

Dito isso, gostaria de ressaltar como o iato intransponível – estabelecido por Vico contra Descartes – entre a *propriedade de si* e a *alienação de si*, a partir do qual se afirma que o eu pode ter consciência de si, mas não pode conhecer-se porque não *fez a si mesmo*, se propõe novamente *mutatis mutandis* também nas filosofias da mente contemporâneas e nas pesquisas mais recentes das neurociências, nas quais é difusa a

³⁸ É a expressão usada por Mario Papini no início de um estudo de 1991 sobre o *De antiquissima*, no qual, com entusiasmo profético – apoiado em razões compartilhadas, mas diversas daquelas aqui indicadas e desenvolvidas –, se dizia “convicto de que os anos 90” do século passado teria visto “uma formidável recuperação do até agora desconhecido *De antiquissima italarum sapientia*. Esta fascinante redescoberta” teria acontecido “não somente no âmbito circunscrito da hermenêutica viquiana”, mas também “no teatro muito mais vasto da história do pensamento filosófico e científico da inteira idade barroca” (PAPINI, M. Opzione barocca per il “De antiquissima”. In: VERRI, V. (org.). *Vico e il pensiero contemporaneo*. Lecce: Milella, 1991, p.352).

ideia de uma insolúvel “tensão” entre “imagem manifesta” do eu – aquela resultante da experiência introspectiva realizada *em primeira pessoa* – e “imagem científica” do eu – aquela que se busca adquirir por meio da investigação objetiva conduzida *em terceira pessoa*. “Aquele eu de que temos experiência pela introspecção [escrevem Michele Di Francesco e Massimo Marraffa] é talvez a coisa que *nos é mais familiar* [...] (ou assim nos parece)”. Todavia, continuam, “parece, a um olhar objetivo, como o produto de dinâmicas, a maior parte delas, que nos são estranhas e desconhecidas, e que escapam ao nosso domínio”.³⁹

Mas também no plano da interpretação literária, o paradigma teórico da *desapropriação do eu* – de um eu que não se conhece e não *se põe*, mas *se encontra* – assim como se buscou delinear *em Vico e com Vico*, pode ser bem demonstrado.

A segunda *associação* é aquela com Samuel Beckett, escritor e dramaturgo irlandês, autor do estudo *De Dante a Bruno, de Vico a Joyce* publicado em 1929, em uma coletânea de escritos em defesa do *Work in Progress (Finnegan's Wake)* de Joyce⁴⁰. Já naquele tempo, Beckett conhecia bem o italiano, portanto, é muito provável que, para preparar esse seu trabalho de juventude, tivesse lido diretamente em italiano seja a *Scienza nuova* – que em 1929 não havia sido ainda traduzida para o inglês – seja a monografia crociana de 1911⁴¹ sobre Vico, da qual, no entanto, havia sido publicada uma tradução em 1913 por Collingwood.⁴² Não é, contudo, desse estudo beckettiano que nos ocuparemos agora. A intimidade e o estranhamento do eu em relação a si mesmo parece poder ser vislumbrada, sobretudo, em alguns daqueles brevíssimos trabalhos teatrais que Beckett mesmo

³⁹ Cf. DI FRANCESCO, M.; MARRAFFA, M. Introduzione. Il soggetto e l'ordine del mondo. In: DI FRANCESCO, M.; MARRAFFA, M. (orgs). *Il soggetto*. Scienze della mente e natura dell'io. Milano: Mondadori, 2009, p.4.

⁴⁰ JOICE, J. *Our Exagmination Round His Factification for Incamination of Work in Progress*. Paris: Shakespeare and C., 1929; também publicado em versão italiana: JOICE, J. *Introduzione a 'Finnegan's Wake'*. Tradução italiana de F. Saba Sardi. Milano: Sugar, 1964.

⁴¹ CROCE, B. *La filosofia di G.B. Vico*. Bari: Laterza, 1911. Sobre Beckett leitor de Vico e de Croce: BATTISTINI, A. Beckett e Vico. *Bollettino del Centro di Studi Vichiani*, Napoli, v.V, p.78-86, 1975, em particular p.81 et seq.

⁴² CROCE, B. *The Philosophy of G.B. Vico*. Tradução inglesa de R. G. Collingwood. London: Howard Latimer, 1913.

chamou de “*dramáticos*”, neologismo usado pelo escritor irlandês como subtítulo de uma *pièce* de 1965, *Vai e vem*,⁴³ e no título de uma coletânea de textos teatrais publicados em Paris, no ano de 1982.⁴⁴

Gostaria de concentrar a atenção sobre três *dramáticos*, a saber, *Essa época* (1974), *Balanço* (1981), *Improviso de Ohio* (1981).⁴⁵ O tema que os conecta é aquele da lembrança. Certamente, aqui não se quer sustentar que Beckett os tivesse escrito pensando em Vico, mas só que o paradigma da *desapropriação do eu* – elaborado a partir e com a involuntária cumplicidade da reflexão viquiana – nos oferece um instrumento interpretativo eficaz para esses três textos teatrais de não fácil decifração. Isso que ao final do nosso discurso torna interessante esses três microdramas, se podemos assim traduzir a palavra *dramáticos*, é a duplicação e a exteriorização do eu cindido do personagem. Em *Essa época*, por exemplo, em cena se vê, a cerca de três metros de altura, só o vulto decrépito e emoldurado por longos cabelos brancos do protagonista – que é denominado o *Ouvinte*. Três autofalantes, um à direita, outro à esquerda e um sobre o *Ouvinte*, contam com a voz do *Ouvinte* gravada, em uma ordem sequencial que se modifica no curso do espetáculo, momentos da vida jovial, madura e velha do protagonista, que permanece imóvel por toda a breve duração do espetáculo, limitando-se a abrir e a fechar os olhos segundo as indicações da didascália e a respirar sonoramente, mas só em certos momentos. Em *Balanço*, uma mulher, sentada numa cadeira de balanço não impulsionada por ela, escuta sua voz gravada narrando momentos de sua vida passada. No início, e por três vezes no curso do texto, a mulher ativa a voz gravada com a deixa: “Ainda”. Nessas duas *pièces*, a voz está gravada: um instrumento dramático que Beckett – com objetivos de duplicação egóica e de multiplicação da identidade, sobre os quais não podemos delongar – havia já experimentado pioneiramente em 1958, no *A última gravação de Krapp*,⁴⁶ em que se utilizou de um gravador, inventado há pouco.

⁴³ BECKETT, S. *Teatro completo. Drammi. Sceneggiature. Radiodrammi, Pièces televisive*. Organização de P. Bertinetti, tradução italiana de C. Fruttero. Torino: Einaudi-Gallimard, 1994, p.407-413.

⁴⁴ BECKETT, S. *Catastrophe et autres dramatiques*. Paris: Minuit, 1982.

⁴⁵ Cf. BECKETT, 1994, p.439-449, 489-499, 501-507.

⁴⁶ Cf. BECKETT, 1994, p.179-191.

Em *Improviso de Ohio*, por sua vez, o eu duplicado toma forma de um personagem (*Leitor*) em tudo e por tudo semelhante (velhice, longos cabelos brancos, vestes, contornos da face) ao verdadeiro, silencioso protagonista: também aqui o *Ouvinte*. Sentados os dois numa mesa, o *Leitor* lê em um velho livro a história pessoal do *Ouvinte* e esse ativa a leitura batendo com os dedos sobre a mesa.

Muitos outros temas se poderiam seguir por certo nesses três microdramas. Parece, contudo, que nesses trabalhos teatrais do último Beckett – o da rarefação dos meios dramatúrgicos, da sua redução ao essencial – o nexó estrutural, feito da vizinhança e difração entre o personagem e sua voz gravada, entre o *Ouvinte* e a sua duplicação em *Leitor*, converge com o discurso que até aqui se pretendeu desenvolver e pode oferecer ocasiões ulteriores de investigação à luz do dispositivo conceitual que Vico, a propósito do eu como consciência, elaborava no *De antiquissima* em dissídio com Descartes.

Tradução do italiano:
Sertório de Amorim e Silva Neto

Referências

Obras de Vico

VICO, G. De nostri temporis studiorum ratione (*De rat.*). In: _____. *Opere*. Organização de Andrea Battistini. Milano: Mondadori, 1990, p.87-215.

VICO G. *De antiquissima italarum sapientia (De ant.)*. Organização e tradução italiana de Manuela Sanna. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 2005.

VICO, G. Risposta del Signor Giambattista Di Vico nella quale si sciogliono tre opposizioni fatte da dotto Signore contro il primo libro “De antiquissima italarum sapientia” ovvero Metafisica degli antichissimi italiani tratta da’ latini parlari (*Risp. I*). In: _____. *Opere filosofiche*. Organização de Paolo Cristofolini e introdução de Nicola Badaloni. Firenze: Sansoni, 1971, p.132-144.

VICO, G. Risposta di Giambattista Vico all’articolo X del tomo VIII del “Giornale de’ Letterati d’Italia” (*Risp. II*). In: _____. *Opere filosofiche*. Organização de Paolo Cristofolini e introdução de Nicola Badaloni. Firenze: Sansoni, 1971, p.145-168.

Outras obras

AGRIMI, M. Et “factum” et “verum” cum “verbo” convertuntur. In: TRABANT, J. (org). *Vico und die Zeichen / Vico e i segni*. Atas do Congresso homônimo. Berlin 23-25 setembro de 1993. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1995, p.113-130.

- ARMANDO, D.; RICCIO, M. *Settimo contributo alla bibliografia vichiana 2001-2005*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 2008.
- BADALONI, N. *Introduzione a G.B. Vico*. Milano: Feltrinelli, 1961.
- BATTISTINI, A. Beckett e Vico. *Bollettino del Centro di Studi Vichiani*, Napoli, v.V, p.78-86, 1975.
- BECKETT, S. *Teatro completo. Drammi. Sceneggiature. Radiodrammi, Pièces télévisive*. Organização de P. Bertinetti, tradução italiana de C. Fruttero. Torino: Einaudi-Gallimard, 1994, p.407-413.
- BECKETT, S. *Catastrophe et autres dramatiques*. Paris: Minuit, 1982.
- BOVÉ, P. A. Vico and Philological Criticism. In: _____. *A Poetry against Torture*. Criticism, History and the Human. Hong Kong: University Press, 2008.
- CACCIATORE, G. Filosofia "civile" e filosofia "pratica" in Giambattista Vico. In: CACCIATORE, G.; MARTIRANO, M. (orgs.). *Momenti della filosofia civile italiana*. Napoli: Città nuova, 2008.
- CACCIATORE, G. Finito e infinito nella filosofia vichiana della storia. In: _____. *L'infinito nella storia*. Saggi su Vico. Napoli: Esi, 2009, p.7-24.
- CACCIATORE, G. *Metaphysik, Poesie und Geschichte*. Über die Philosophie von Giambattista Vico. Berlin: Akademie Verlag, 2002.
- CASINI, P. *L'antica sapienza italiana*. Cronistoria di un mito. Bologna: il Mulino, 1998.
- CASTELLANI, C. Metafisica della mente e "verum-factum". Un confronto di Vico con Cartesio. In: KELEMEN, J.; PÁL, J. (orgs.), *Vico e Gentile*. Atas da "Giornate di Studio sulla Filosofia Italiana". Roma, 25-27 maggio 1994. Soveria Mannelli: Rubbettino, 1995.
- CHILD, A. *Fare e conoscere in Hobbes, Vico e Dewey*. Napoli: Guida, 1970.
- CROCE, B. *La filosofia di G.B. Vico*. Bari: Laterza, 1911.
- CROCE, B. *The Philosophy of G.B. Vico*. Tradução inglesa de R. G. Collingwood. London: Howard Latimer, 1913.
- DE GIOVANNI, B. "Facere" e "factum" nel "De antiquissima". *Quaderni Contemporanei*. G. B. Vico nel terzo centenario della nascita. Organização de Fulvio Tessitore. Salerno, vol. II, 1969.
- DI FRANCESCO, M.; MARRAFFA, M. Introduzione. Il soggetto e l'ordine del mondo. In: DI FRANCESCO, M.; MARRAFFA, M. (orgs.). *Il soggetto*. Scienze della mente e natura dell'io. Milano: Mondadori, 2009.
- DIANA, R. Ragione narrativa ed elaborazione dialogica del sapere. L'autobiografia di Giambattista Vico e il suo contenuto problematico. *Bollettino del Centro di Studi Vichiani*, Roma, v.XXXIV, p.127-143, 2004.
- DIANA, R. Depotenziamento del "cogito" e "disappartenenza" dell'io. In margine al "De antiquissima". *Bollettino del Centro di Studi Vichiani*, Roma, v.XL, n.1, p.115-124, 2010.
- GENTILE, G. *Studi vichiani*. Organização de V. A. Bellezza. Firenze: Sansoni, 1968.
- GENTILE, G.; DONATI, B. *Carteggio 1920-1943*. Organização de P. Simoncelli. Firenze: Le Lettere, 2002.

- JOYCE, J. *Our Exagmination Round His Factification for Incamination of Work in Progress*. Paris: Shakespeare and C., 1929.
- JOYCE, J. *Introduzione a 'Finnegan's Wake'*. Tradução italiana de F. Saba Sardi. Milano: Sugar, 1964.
- LILLA, M. *Giambattista Vico: the Making of an Anti-Modern*. Cambridge-London: Harvard University, 1993.
- MARTIRANO, M. *Vero-fatto*. Napoli: Guida, 2007.
- MATTEUCCI, G. (org.). *Studi sul 'De antiquissima italarum sapientia' di Vico*. Macerata: Quodlibet, 2002.
- MAZZOLA, R. L'antica sapienza italiana. In: _____. *Metafisica, Storia, Erudizione*. Saggi su Giambattista Vico. Firenze: Le Càriti, 2007, p.205-220.
- MONDOLFO, R. *Il "verum-factum" prima di Vico*. Napoli, Guida, 1969.
- NAVE, A. Il "verum-factum" vichiano tra filosofia scotistica e filosofia crociana. In: VERRI, V. (org.). *Vico e il pensiero contemporaneo*. Lecce: Milella, 1991.
- OTTO, S.; VIECHTBAUERS, H. (orgs.). *Sachkommentar zu Giambattista Vico 'Liber metaphysicus'*. München: Fink, 1985.
- PACI, E. *Ingens Sylva*. Organização de V. Vitiello. Milano: Bompiani, 1994.
- PAPINI, M. Opzione barocca per il "De antiquissima". In: VERRI, V. (org.). *Vico e il pensiero contemporaneo*. Lecce: Milella, 1991.
- PLAUTO, T. M. *Anfitrione*. Tradução italiana de M. Scàndola. Milano: Rizzoli, 2002.
- ROSSI, P. *Le sterminate antichità e nuovi saggi vichiani*. Firenze: La Nuova Italia, 1999.
- ROTENSTREICH, N. Between Participation and Constitution. In: OTTO, S.; VIECHTBAUERS, H (orgs.). *Sachkommentar zu Giambattista Vico 'Liber metaphysicus'*. München: Fink, 1985, p.87-97.
- SANNA, M. Introduzione. In: VICO G. *De antiquissima italarum sapientia ex linguae latinae originibus eruenda*. Organização e tradução italiana de Manuela Sanna. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 2005, p.17-35.
- STILE, A. Polemiche relative al De antiquissima italarum sapientia 1711-1712. *Laboratorio dell'ISPF*, Napoli, v.III, n.2, 2006. Disponível em: www.ispf-lab.cnr.it/article/Testi_Ed_Critica_Polemiche_De_Antiquissima. Acesso em: 10 de abril de 2010.
- TESSITORE, F. Senso comune, teologia della storia e storicismo in Giambattista Vico. In: _____. *Nuovi contributi alla storia e alla teoria dello storicismo*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 2002.
- VITIELLO, V. Il medio assente. Sul concetto di verità nel "De antiquissima". In: _____. *Vico. Storia, linguaggio, natura*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 2008, p.37-54.